



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8136 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 09 - Trabalho e Educação

O trabalho como princípio educativo e a lógica produtiva camponesa

Elenara Ribeiro da Silva - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

O TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO E A LÓGICA PRODUTIVA CAMPONESA

Este artigo objetiva refletir sobre as imbricações entre a lógica camponesa de produção e o trabalho como princípio educativo adotado pela Educação do Campo, partindo da relação entre a concepção de trabalho como elemento constitutivo dos seres humanos e as estratégias de reprodução da família camponesa.

A Educação do Campo adota entre outros princípios educativos o trabalho, baseada na compreensão que o trabalho é um elemento constituinte dos seres humanos e indispensável para a reprodução da vida humana. Esta concepção está fundamentada na teoria marxista, que considera que os seres humanos, no processo de criar condições materiais para sua existência, estabelecem relações de trocas entre si e entre os outros elementos da natureza, e nesse intercâmbio tanto os seres humanos como os outros elementos da natureza se transformam. Com isso, o trabalho está relacionado com a reprodução da vida, em seus aspectos materiais e simbólicos. Segundo Marx e Engels (1998, p.11) “(...) A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem.” Assim, o trabalho é uma manifestação dos seres humanos, os frutos do trabalho são formas de expressão humana e dizem respeito aos sujeitos que os produziram. Diferentemente, portanto, do trabalho alienado, parcial, hierarquizado, no qual predomina a subordinação do trabalho manual pelo trabalho intelectual, que é característico das sociedades capitalistas.

Nessa perspectiva, o objetivo das Escolas do Campo não é a formação para o mercado de trabalho, mas uma formação que possibilite aos educandos e às educandas integrar teoria e prática para atuar nas suas comunidades (KOLLING, NERY & MOLINA, 1999).

Para as famílias camponesas, o trabalho é um elemento fundamental no seu modo de vida. Segundo Wanderley (1998), as pesquisas realizadas por Alexander V. Chayanov ajudam a compreender os princípios de funcionamento da família camponesa, que se diferencia do modo de produção agrícola capitalista, pois “a empresa familiar não se organiza sobre a base da extração e apropriação do trabalho alheio, da mais-valia. A fonte do trabalho que aciona o

capital envolvido no seu processo de produção é o próprio proprietário dos meios de produção.” (WANDERLEY, 1998, p. 30).

Os camponeses e as camponesas organizam seu trabalho e produção tendo como objetivo a manutenção da família. Para tanto, estabelecem uma relação “entre trabalho e consumo, isto é, entre o esforço exigido para realização do trabalho e o grau de satisfação das necessidades da família.” (WANDERLEY, 1998, p. 30). O que Chayanov chamou de “rendimento indivisível”, isto é, a renda familiar é um todo indivisível, já que não é possível separar capital de trabalho, e por essa razão é equivocada a tentativa de conceber o camponês como um capitalista que é seu próprio operário (ABRAMOVAY, 1992); como também, o camponês é diferente do trabalhador assalariado, pois ele é sujeito criando sua própria existência.

Embora o objetivo central das atividades produtivas da unidade camponesa seja a reprodução familiar, isto não significa dizer que as famílias camponesas estejam isoladas, preocupadas com a produção para o autoconsumo e não se relacionem com o mercado, tampouco que a economia camponesa não seja afetada pelo funcionamento do sistema econômico em que está inserida. Como afirma Wanderley

Assim, a vigência das leis gerais de reprodução do capital – que evidentemente, como vimos, afeta a reprodução das unidades camponesas de produção – não anula as especificidades destas. Isto é, mesmo estando integrada ao movimento geral de valorização do capital, a economia camponesa se reproduz sobre a base dos princípios gerais de seu funcionamento interno, nos termos apresentados por Chayanov. (WANDERLEY, 1998, p. 36)

Nesse sentido, mesmo o trabalho assalariado realizado fora da unidade camponesa pode ser entendido também como estratégia de manutenção da família, o que não descaracteriza o modo de vida camponês.

Podemos dizer que a lógica reprodutiva das famílias camponesas se fundamenta em valores diferentes dos que norteiam o pensamento economicista. O trabalho está vinculado à vida desses sujeitos e da cultura por eles construída, como também da sua identidade. Nesse sentido, o trabalho camponês se aproxima tanto da concepção de trabalho como elemento constituinte dos seres humanos e também do trabalho como princípio educativo.

Além disso, o trabalho camponês está relacionado com o manejo dos agroecossistemas e para tanto os camponeses e as camponesas aportam vários conhecimentos sobre a natureza. Conhecimentos adquiridos na convivência familiar e pela observação das relações que se estabelecem entre os outros elementos naturais. Assim, o conhecimento camponês é marcadamente empírico e transmitido pela tradição oral.

Para a Ciência, a degradação ambiental causada pela utilização de insumos industriais na agricultura, foi o principal problema que motivou o desenvolvimento de pesquisas sobre outras formas de produção de alimentos que não rompessem os ciclos naturais de auto regulação e de automanutenção. Segundo Sevilla-Guzmán (2006, p. 222)

(...) A crise ecológica abalou as bases do pensamento científico, fazendo-o restaurar ‘a racionalidade contra a racionalização’ e aceitar a racionalidade ecológica do campesinato, em seu processo de adaptação simbiótica à natureza, mediante o processo de co evolução social e ecológica. (Tradução própria).

Dessa maneira, as pesquisas junto às comunidades tradicionais, indígenas ou camponesas, que mantinham (e que ainda mantêm) formas de produção baseadas na utilização de recursos locais; de espécies e variedades melhoradas geneticamente por estas comunidades; de conservação dos solos e da água; e de estratégias de manejo de pragas e doenças,

contribuíram para desenvolver estudos sobre os princípios ecológicos de funcionamento dos agroecossistemas.

Porém, essa forma de produção agrícola tradicional teve suas áreas drasticamente reduzidas em função da disseminação do modelo tecnológico da Revolução Verde, que contribuiu para a erosão dos conhecimentos agroecológicos tradicionais. De tal forma que, para muitas famílias camponesas que permaneceram ou voltaram para o campo, existe a necessidade de (re) aprender como funcionam os ambientes em que vivem e como maneja-los baseado nos princípios agroecológicos.

Portanto, as famílias camponesas que optaram por produzir a partir dos princípios agroecológicos enfrentam vários desafios de diferentes ordens. No âmbito dos desafios técnicos, existe a demanda por conhecimentos sobre os agroecossistemas locais que possam fundamentar as práticas agroecológicas específicas. Nesse sentido, as Escolas do Campo, entendidas como centros produtores de conhecimento, podem atuar juntamente com a comunidade na sistematização, registro e elaboração de conhecimentos agroecológicos contextualizados, a partir do trabalho como princípio educativo.

Palavras-chave: Educação do Campo. Trabalho como princípio educativo. Campesinato.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. *Paradigma do capitalismo agrário em questão*. São Paulo: Hucitec/Anpocs/Unicamp, 1992.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. *A ideologia alemã*. Tradução Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998 (Clássicos).

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Israel José; MOLINA, Mônica Castagna. *Por uma educação básica do campo*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999, 98p.

SEVILLA-GUZMÁN, Eduardo. El Marco Teórico de la Agroecología. In: SEVILLA-GUZMÁN, Eduardo. *Desde el Pensamiento Social Agrario*. ISEC/Universidad de Córdoba, 2006. p. 221 – 248.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Em busca da modernidade social: uma homenagem a Alexander V. Chayanov. In: FERREIRA, Angela Damaceno; BRANDENBURG, Alfio. (Orgs.). *Pensar outra agricultura*. Curitiba: Editora UFPR, 1998. p. 29 – 49.